

O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais

3

Nilda Stecanela*

Resumo: Neste texto procuro fazer uma contextualização teórica a respeito dos fundamentos da sociologia da vida cotidiana, valendo-me dos seus princípios para o desenvolvimento da pesquisa em ciências sociais e da sua utilização como perspectiva metodológica. Nos percursos argumentativos que procuro desenvolver, situo o cenário e os sujeitos da pesquisa que motiva minhas reflexões, sinalizando alguns instrumentos necessários para a escavação do cotidiano. Tematizo os desvios das rotas do cotidiano e os desafios para a decifração dos seus enigmas. Enfatizo a importância da construção de estratégias de observação do cotidiano, tendo as narrativas como matéria-prima para o seu conhecimento. Procuro entrelaçar os aportes teóricos de José Machado Pais e de Alberto Melucci no tocante às metodologias de pesquisa qualitativa com os caminhos investigativos construídos no meu estudo.

Palavras-chave: Sociologia da vida cotidiana. Metodologias de pesquisa. Cotidiano.

Abstract: In this text I try to contextualize theoretically the principles for the Sociology of daily life, making use of its principles for the development of a research in Social Sciences and its use as a methodological perspective. In the argumentative journey that I try to develop, I point out the scenery and the subjects of the research that motivate my reflections, indicating some instruments necessary to hollow out daily life. I discuss the bypasses from everyday's routes in the construction of observatory strategies and the challenges to decipher their riddles. I also emphasize the construction of observation strategies for every day scenes, having narrative as raw-material for its knowledge. I try to interweave the theoretical approach at José Machado Pais and Alberto Melucci regarding all the equipment and qualitative technology with the research investigatory weights that were built in this study.

Keywords: Sociology of daily life. Research methodology. Daily life.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada em Ciências Exatas pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e em Biologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Especialista em Educação pela UCS. Docente no Centro de Filosofia e Educação e no PPGEDU da UCS. Professora na Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Coordenadora do "Observatório de Educação, Infâncias e Juventudes da UCS".

Introdução

As referências teórico-metodológicas para tomar o cotidiano como perspectiva metodológica, nas reflexões que apresento neste texto, apoiam-se nas produções e reflexões de Pais (2003a). Vários autores tematizam a vida cotidiana, entre eles, Lefebvre, Simmel, Goffmann, Certeau, Martins. Porém, para as relações que pretendo estabelecer aqui, darei ênfase ao diálogo com Pais, evocando, por algumas vezes, aproximações com a sociologia reflexiva proposta por Melucci (2005) e com outros autores que tratam de metodologias qualitativas nas ciências sociais.

O substrato empírico que motivou a busca da compreensão dos caminhos investigativos, que tomam o cotidiano como alavanca para o conhecimento da realidade, ancoram-se na pesquisa de tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, iniciada em 2005, sob a orientação da professora Carmem Craidy,¹ apresentada e aprovada em sessão pública em fevereiro de 2008, sob o título *Jovens e cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida*.²

O foco de análise da referida investigação centrou-se na dimensão não escolar da educação, observada a partir dos usos dos tempos cotidianos dos jovens, associados aos espaços praticados. A questão central da pesquisa envolveu indagações sobre “como os jovens da periferia urbana vivem, percebem e concebem sua condição juvenil na ocupação de seu tempo livre e como e quais conhecimentos eles constroem em suas redes de sociabilidade”.

Os caminhos investigativos transitaram pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, tomando o cotidiano dos jovens como perspectiva metodológica e agregando registros etnográficos, como forma de apreender as biografias e as narrativas dos jovens no contexto social em que vivem, a fim de conhecer seus modos de vida, os usos dos seus tempos cotidianos associados aos espaços praticados e os processos educativos não escolares construídos em suas trajetórias.

¹ O estudo contou também com a coorientação do professor José Machado Pais, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, por ocasião do “Doutorado Sanduíche” realizado naquela instituição, entre agosto de 2005 e março de 2006, com apoio da Capes.

² Para acessar o texto na íntegra, consultar: STECANELA, Nilda. *Jovens e cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida*. 2008. 396 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/Faculdade de Educação/UFRGS, 2008.

As relações que apresento neste texto configuram um recorte do capítulo intitulado “Dilemas conceituais”, no qual procurei situar teoricamente os temas implicados no meu estudo e, num dos subcapítulos, abordar os princípios fundantes da sociologia da vida cotidiana.

A pesquisa com jovens com base no cotidiano

A sociologia da vida cotidiana, como perspectiva metodológica, situa-se no quadro da pesquisa qualitativa que, segundo Melucci (2005), sofreu uma “virada epistemológica” nos últimos anos. O foco sobre a particularidade dos detalhes e a unidade de acontecimentos da vida cotidiana, dificilmente observados e capturados pelas pesquisas quantitativas, ganha importância nas sociedades contemporâneas e atrai o olhar e interesse de pesquisadores, seja como consumidores, seja como produtores de conhecimento, pois é nas espacialidades e nas temporalidades da vida cotidiana que “os sujeitos constroem o sentido do seu agir e no qual experimentam as oportunidades e os limites da ação”. (MELUCCI, 2005, p. 29).

Segundo Pais, a sociologia da vida cotidiana pode ser caracterizada por uma “lógica de descoberta” que se afasta da lógica do *preestabelecido*. Para esse autor, a perspectiva metodológica que toma o cotidiano como alavanca para o conhecimento,

condena os percursos de pesquisa a uma viagem programada, guiada pela demonstração rígida de hipóteses de partida, a uma domesticação de itinerários que facultam ao pesquisador a possibilidade de apenas ver o que os seus quadros teóricos lhe permitem ver. (PAIS, 2003a, p. 17).

“O que se passa no quotidiano é ‘rotina’, costuma-se dizer”. (PAIS, 2003, p. 28). Ao significado de cotidiano é possível associar a ideia de presente, daquilo que acontece todos os dias e que implica rotina de repetição. À rotina relaciona-se a ideia de caminho, de rota, que, por sua vez, pode estar ligada semanticamente à ruptura, a corte, a rompimento. Foi, pois, nessa perspectiva que conectei as interpretações sobre as formas como os jovens do meu estudo “fabricam” sua própria vida, reinventando seus modos de ser jovem a partir de sua situação juvenil e aprendendo em suas trajetórias não escolares a partir das suas experiências cotidianas.

Observando os meandros do cotidiano juvenil de uma periferia urbana – nos usos que os jovens fazem de seus tempos, nas linguagens

que utilizam para se definir e expressar a reflexão que fazem de suas trajetórias e de suas aprendizagens – é possível perceber que, mesmo naquilo que se repete todos os dias, ou seja, na rotina, ocorrem rupturas e reinvenção dos modos de viver a juventude, em geral, a partir das culturas juvenis. Olhar o jovem através de seu cotidiano exige percebê-lo a partir dos conteúdos da sua experiência, considerada por Melucci (2004, p. 14), como uma construção artificial e, também, através dos limites naturais das experiências, ou seja, do seu corpo e da sua raiz biológica.

A opção por essa perspectiva metodológica justifica-se por configurar uma postura de abertura ao novo e ao inusitado, além de se valer de um conjunto de instrumentos que permitem “escavar o cotidiano”, numa espécie de arqueologia que tenta desencobrir o que está oculto. Dessa atitude decorrem tentativas de apreender e de compreender algo que está ali presente, em estado bruto, para ser talhado, detalhado, “escovado” (como os ossos que o arqueólogo descobre), mas que os condicionamentos arraigados às lentes interpretativas convencionais acabam por embaçar a visão e a percepção.

Por ser fortemente sublinhada pela lógica da descoberta e, portanto, acompanhada pela dúvida e pela incerteza, essa perspectiva metodológica não é livre de angústias, de tensões e de crises. Ela requer uma “transformação revolucionária da visão”, conforme sinaliza Kuhn (1995, p. 147) como se o estudioso passasse a usar instrumentos de observação (óculos) com lentes que invertessem as imagens. Desse modo, num primeiro momento, o mundo se mostra de cabeça para baixo, de forma nebulosa e pouco nítida. O esforço em desembaçar as lentes é permanente e exige vigilância constante para evitar os “enquadramentos” e para proporcionar ver e mostrar o que é observado na realidade investigada. Segundo Pais (2003a, p. 29), ao passear por caminhos que cruzam “rotina e ruptura”, a sociologia do cotidiano passa um pente-fino na paisagem social, em busca dos significantes mais do que dos significados. Em seu percurso, mantém-se aberta a tudo que acontece, mesmo quando, aparentemente, nada ocorre.

O verdadeiro desafio que se coloca à sociologia do cotidiano é o de revelar a vida social na textura ou na espuma da “aparente” rotina de todos os dias, como a imagem latente de uma película fotográfica. (PAIS, 2003a, p. 31).

Ao deslizar seu olhar pelo social, a sociologia da vida cotidiana procura, num acercamento da realidade, converter o cotidiano em permanente surpresa (p. 26). Nesse itinerário, o observador é desafiado o tempo todo a imaginar, a descobrir e a construir a realidade que observa (2003a, p. 27). No entanto, “a realidade social não é facilmente acessível ao investigador, pronta a entregar-se ao primeiro sinal de galanteio”. (PAIS, 2003a, p. 13).

Esse conjunto de “potenciais obstáculos” se fez presente em minha pesquisa, envolvendo as trajetórias urbanas de 18 jovens de ambos os sexos e em diferentes situações em relação à escola, à família e ao trabalho, e se transformaram em desafios que potencializaram meus itinerários investigativos. As dificuldades em capturar os modos de ser jovem numa periferia urbana e as suas aprendizagens para além da escola exigiram a construção de procedimentos criativos. A “presença participante” no cenário da pesquisa, os “inventários dos usos dos tempos juvenis” ao longo de uma semana e, conseqüentemente, o desenho de seus “mapas de trânsito”, seguidos das “entrevistas em profundidade”, durante longos meses, são exemplos ilustrativos dessas possibilidades no processo de construção dos dados, que foram caracterizados pela metáfora da “escavação do cotidiano”. O momento da organização do *corpus* da pesquisa, análise e interpretação dos dados também exigiu imaginação sociológica, validada pelo uso da metáfora da “escovação das palavras”, tomada emprestada de Barros (2003), como um procedimento de análise textual qualitativa. (MORAES; GALLIAZZI, 2007).

Os instrumentos para a “escavação do cotidiano”

Para apreender a realidade a partir do cotidiano, compreender os modos de ser jovem numa periferia urbana e as aprendizagens que se processam pela experiência, é necessário que o pesquisador faça uso de alguns instrumentos para “escavar o cotidiano” que pretende descobrir, desvendar, interpretar.

As teorias e os conceitos são alguns desses instrumentos, mas não podem engessar a ação do investigador ou condicionar seu olhar para a realidade observada. Eles podem ser evocados como “companheiros de viagem” e chamados ao diálogo na interpretação dos dados construídos no campo de investigação, pois, “os conceitos e teorias devem entender-

se como instrumentos metodológicos de investigação ao serviço da capacidade criadora de quem pesquisa”. (PAIS, 2003a, p. 31).

Nessa busca, o método é um coadjuvante, não um “molde” preparado *a priori* para ser “adaptado” à realidade social, correndo o risco de produzir imagens distorcidas daquilo que se passa no cotidiano.

À sociologia do cotidiano interessa mais a mostração (do latim *mostrare*) do social do que a sua demonstração, geometrizada por quadros teóricos e conceitos (ou preconceitos) de partida, bem assim como por hipóteses rígidas que à força se procuram demonstrar num processo de duvidoso alcance em que o conhecimento explicativo se divorcia do conhecimento descritivo e compreensivo. (PAIS, 2003a, p. 30).

O método, na sociologia da vida cotidiana, estaria próximo do que Becker (1999, p. 12) afirma sobre suas preferências por um “modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz as teorias e os métodos necessários para o trabalho que está sendo feito”. Em outras palavras, o pesquisador seria o autor e o compositor da sinfonia que constrói, dando sentido às vozes que evoca como coautoras de sua obra, em seus trajetos investigativos.

Os métodos e as técnicas de natureza etnográfica compõem o conjunto de instrumentos que o pesquisador do cotidiano pode considerar e carregar consigo para o campo de observação. A *descrição* em detalhes da realidade observada através do “diário de campo”, é elemento importante para quem deseja adentrar os caminhos do cotidiano. A necessidade de registrar quase tudo o que o olho do observador vê no cotidiano torna-se quase uma obsessão, uma ânsia estimulada pela pergunta, pelas inúmeras perguntas, dúvidas e incertezas que surgem a partir da própria descrição e leitura do descrito.

Os riscos de se tomar um quadro teórico de partida ao pesquisar são considerados por Pais como um “modo rígido e teimoso” que leva a “captar as realidades que nele se podem encaixar”. Ao contrário, na sociologia da vida cotidiana, “o esforço de teorização aparece indissociável da prática de pesquisa”, movida pela “necessidade em dar resposta a dilemas e interrogações concretas que desafiam a imaginação sociológica”. (PAIS, 2003, p. 41).

A interpretação das narrativas dos jovens investigados, manifestadas por suas múltiplas linguagens e também acompanhadas por muitos momentos de silêncio, exigiu uma vigilância epistemológica no sentido

de efetivar o que denominei “diálogo em três dimensões”, através do qual procurei estabelecer uma conversa entre os meus interlocutores empíricos, meus interlocutores teóricos e os meus objetivos e problema de pesquisa. Com isso, meus referenciais teóricos não foram “acoplados” às narrativas dos jovens, da mesma forma que as suas palavras não foram meras ilustrações das teorias. Ao contrário, o diálogo em três dimensões oportunizou o surgimento de categorias emergentes, nomeadas com expressões nativas dos sujeitos da pesquisa, a exemplo de *pressão do cotidiano* e *escola da vida* ou inspiradas em alguns autores, como é o caso das biografias de escolha e dos dilemas do tempo, permitindo o surgimento do novo, do inusitado.

Os desvios pelas rotas do cotidiano

A sociologia da vida cotidiana explora os *desvios* das rotas do cotidiano, que “possibilitam o desenvolvimento de teorias em função dos achados de ‘trabalho de campo’ ou das descobertas induzidas por uma sensibilidade teórica”. (PAIS, 2003, p. 44). “São nas brechas do saber consolidado que se dão as possibilidades criativas e de desvio.” (PAIS, 2003, p. 46). Sua atenção está centrada nos detalhes da vida cotidiana, na recusa ou na impossibilidade de ver a totalidade. Segundo Pais,

o que se reivindica não é uma sociologia distraída, mas antes uma sociologia que, distraíndo-se nos pormenores, possa fazer as suas descobertas contemplativamente. E contemplar significa dar prioridade à percepção imaginosa porque a primeira percepção global, derivada da contemplação de uma qualquer obra ou realidade, não é traduzível em palavras, não corresponde a um conceito preciso na mente de quem olha. (PAIS, 2003a, p. 47).

Entretanto, a exaltação dos detalhes, dos pormenores pode, eventualmente, ser reveladora das estruturas sociais, permitindo recompor o todo através das partes, pois, através do pequeno, do ínfimo, da dobra, da sobra ou da sombra, é possível ter uma ideia de como as práticas sociais cotidianas são produtoras da estrutura social e como essa última acaba por influenciar as primeiras.

No caso da pesquisa com jovens, Melucci (1997, p. 5) defende a ideia de que as tendências que emergem no âmbito da cultura e da ação

juvenil devam ser entendidas, simultaneamente, numa perspectiva macrosociológica e microsociológica, de forma a entrelaçar as experiências individuais na vida diária com a estrutura social. Conforme esse autor,

as experiências cotidianas parecem minúsculos fragmentos isolados da vida, tão distantes dos vistosos eventos coletivos e das grandes mutações que perpassam a nossa cultura. Contudo, é nessa fina malha de tempos, espaços, gestos e relações que acontece quase tudo o que é importante para a vida social. É onde assume sentido tudo aquilo que fazemos e onde brotam as energias para todos os eventos, até os mais grandiosos. (MELUCCI, 2004, p. 13).

Em termos do estudo que realizei, posso antecipar que as aprendizagens não escolares ocorrem nos processos de socialização em que, no sentido microsociológico, são percebidos os contextos de vida dos jovens, o que aprendem e como aprendem, através das estratégias de que fazem uso para se reinventarem, por meio das culturas juvenis, em contextos de intensa *pressão do cotidiano*. O enigmático, nesse caso, envolve a percepção de como isso ocorre, como essas aprendizagens e estratégias são processadas e como elas circulam pelos enunciados que os jovens produzem sobre seu cotidiano. Assim, é preciso estar atento tanto ao sentido macro como ao sentido micro da socialização.

Vale dizer, ainda, que o estudo da experiência cotidiana é, segundo Melucci (2004), “sempre parcial, como o olho de quem olha”. Os itinerários construídos pelos desvios não ocorrem sem riscos de dispersão, de trânsitos por caminhos incertos ou sem fronteiras. Mas são justamente as dúvidas, as incertezas e as interrogações que desafiam à criação, em direção a desfazer o incômodo gestado a partir delas. A sociologia da vida cotidiana se constitui numa sociologia escavadora de detalhes, cujas brechas intersticiais do social despertam o interesse e roubam o olhar do pesquisador. Nesse caso, desvio pode ser entendido como rota alternativa, afastada do caminho mais tranquilo que permite a visão de longo alcance ou da quase-totalidade da rota.

A decifração dos enigmas do cotidiano

O cotidiano está impregnado de enigmas à espera de decifração. “Decifrar enigmas implica, pois, estudar a natureza das mensagens por eles encobertas e o sentido dessas mensagens.” (PAIS, 2003a, p. 57). Os enigmas carregam consigo ironias que podem nos levar a não perceber “as distinções entre as descrições do descritor e as do descrito”, aumentando os riscos de ficar “sem saber como se escreve, por detrás do que se descreve...” (PAIS, 2003a, p. 60). A descrição e a análise dos dados empíricos convidam à reflexão, e essa, ao diálogo com a teoria.

A “imersão etnográfica” configura tentativas de “encharcamento” à realidade observada e implica, ao mesmo tempo, aproximação e distanciamento. Para Pais (2003, p. 22) “é a conjugação destes dois níveis analíticos que, possivelmente, dará razão de ser à sociologia da vida quotidiana, particular forma de percorrer o social à luz rasante do quotidiano”. Uma abordagem de natureza etnográfica agrega estratégias de observação e de descrição, evidenciadas na narração. Winkin (1998, p. 132) define a etnografia como uma arte e uma disciplina científica, que convoca competências de saber ver, saber estar, de forma interativa com os outros e consigo mesmo e, em especial, em saber escrever. Importante é ter presente que a observação pode interferir no campo de investigação já que, segundo Melucci (2005, p. 37), ela “é um tipo particular de relação social que intervém de qualquer maneira no campo e o modifica”. O autor considera a narração como processo integrante da construção teórica e metodológica do objeto de estudo.

Para Melucci (2005, p. 22) a pesquisa é uma prática social situada, na qual as palavras permanecem como a sua matéria-prima. A palavra é o instrumento através do qual a narração descreve e analisa o vivido, o percebido e o concebido (MARTINS, 1996), porém, ela nem sempre é pronunciada e registrada. Muitas vezes se torna palavra silenciada e, nem por isso, menos inquietante: “Da mesma forma que o dizer não apenas desvenda como oculta, o silêncio também revela no que aparentemente encobre.” (PAIS, 2006, p. 25). O silêncio é um desafio que os pesquisadores de jovens enfrentam com frequência, pois nem sempre o diálogo entre observador e observado acontece por meio de palavras verbalizadas oralmente. Entra aí a arte de escutar, observar os símbolos e as subjetividades que se fazem presentes, por exemplo, no momento da entrevista, lançando mão de outras estratégias para cumprir a tarefa de “arqueólogo do cotidiano”.

As estratégias para observar o cotidiano

A pesquisa é uma prática de observação, diz Melucci (2005, p. 40-41) e, como tal, coloca em relação a ação, a linguagem e a vida cotidiana dos sujeitos. Embora a narração seja distinta da ação, faz parte dela como elemento constitutivo. A narração é, segundo Pais (2003a, p. 64), “um caminho *escuro* que se vai clareando à medida que se vai fazendo, isto é, à medida que o percorremos, porque ‘andando se faz o caminho’”. A narração conta como o cotidiano acontece e a interpretação lhe dá inteligibilidade, através da evocação de novas palavras e de novas vozes. “Ao narrar, procedo a uma análise combinatória de observações dispersas que ganham sentido (analítico) no próprio processo (descritivo).” (PAIS, 2006, p. 24). As palavras narradas devem ser cuidadosamente escolhidas de modo a representar a interpretação construída a partir delas. A interpretação é uma construção e impõe ao pesquisador a responsabilidade de comunicar através das palavras o que fica por dizer, por analisar ou por questionar.

Além de instrumentos, o pesquisador do cotidiano pode lançar mão de estratégias de observação do cotidiano implicado em sua pesquisa. Nas pesquisas com jovens, é importante observar os usos que eles fazem de seus tempos cotidianos e os territórios que escolhem para suas práticas culturais. Na minha pesquisa, recorri a “orçamentos de tempo”, tomados de forma qualitativa nos “inventários dos usos dos tempos dos jovens”, os quais possibilitaram a definição dos “mapas de trânsito” por espaços sociais, por acreditar que tempo e espaço são categorias que concorrem na produção da vida cotidiana. Na análise e interpretação dessas estratégias que se constituíram em procedimentos, as vozes juvenis produziram novos ecos, através de novas narrativas sobre a ação, tanto deles como minhas. As linguagens cotidianas dos jovens podem ser tomadas como metáforas na interpretação do que se passa no dia-a-dia dessa categoria social. As metáforas são recursos de linguagem utilizados e aproveitados das narrativas dos interlocutores empíricos e teóricos, que se convertem em tentativas de interpretação da ação diária dos atores. Segundo Pais (2003, p. 18), “as metáforas desempenham o papel de ‘transportar idéias’, perfazem um meio de ‘redescrever a realidade’”.

As narrativas como matéria-prima para o conhecimento do cotidiano

As narrativas dos jovens do meu estudo constituíram a matéria-prima do conhecimento construído no campo de investigação. Suas palavras foram tomadas muitas vezes como metáforas para a constituição de categorias analíticas ou mesmo para aprofundamentos teóricos. Constituíram-se em bússolas cognitivas para a busca dos aportes teóricos, a fim de interpretar o que foi dito, tanto numa dimensão vertical (nas trajetórias de cada jovem), como numa dimensão horizontal (no conjunto das trajetórias dos jovens entrevistados), a partir das categorias que emergiram na análise. Os referenciais teóricos que sustentaram a interpretação foram *ecos* do trabalho de campo, pois, a partir do contato mais estreito com o cenário e com os atores da pesquisa, fui construindo relações e estabelecendo pontes entre a empiria e a teoria, num “diálogo em três dimensões”: com meus interlocutores empíricos, com meus interlocutores teóricos e com meus conhecimentos tácitos, objeto de estudo e problema de pesquisa.

Assim, como Melucci (2004, p. 16), afirmo que, como observadora, não estou fora do campo que descrevo e, por isso, posso estar impregnada de um olhar apaixonado, idealizado, fragmentado e algumas vezes até ingênuo. A pesquisa como forma reflexiva, ou seja, como conhecimento do conhecimento, implica prática cultural que modifica a relação entre o observador e o campo. A dicotomia “observador/campo” dá lugar à relação “observador-no-campo”, remetendo ao destaque dado por Melucci (2005, p. 33): “Tudo o que é observado na realidade social é observado por alguém que se encontra, por sua vez, inserido em relações sociais e em relação ao campo que observa.” Ao mesmo tempo, se faz presente o inevitável distanciamento cultural que separa o investigador da realidade que ele pretende investigar. (PAIS, 2003, p. 22). No meu caso, a identidade de pesquisadora teve que ser construída com os sujeitos de minha pesquisa e levou algum tempo, pois minhas múltiplas identidades – professora, mulher, representante do mundo adulto, pertencente a outra classe social – certamente afetavam e ativavam o imaginário dos jovens em relação às suas experiências anteriores, tendo em vista as representações construídas em torno delas, com outras pessoas e em outros contextos sociais.

Considerações finais

Tomar o cotidiano juvenil como perspectiva de análise requer trânsitos pelos princípios até aqui explicitados, aos quais é possível agregar ainda a importância da escolha de métodos adequados para a análise dos dados que são construídos no campo das pesquisas. Não basta, portanto, “recolher” um conjunto de narrativas sobre o cenário e os atores se não é dado o devido tratamento a eles, seguindo os mesmos princípios fundantes das fases anteriores. A análise textual qualitativa fez parte de minhas escolhas. O desafio igualmente ético e responsável está na interpretação e no modo como os resultados das pesquisas são comunicados, ambos considerados como formas de narração. Diante disso, o pesquisador em pesquisa social se transforma num tradutor dos sentidos das linguagens e percepções produzidas numa determinada realidade.

Os caminhos da sociologia da vida cotidiana, trilhados com apoios na etnografia, são recursos que possibilitam o desempenho do papel de *intérprete* que o pesquisador exerce, uma vez que as narrativas dos jovens são carregadas de conhecimentos e informações sobre o modo de reproduzirem ou modificarem as normas socialmente construídas. Como já foi dito, esse caminho não se faz sem conflitos, sem dúvidas e sem incertezas, pois as perguntas servem para mobilizar em direção à construção de respostas, sempre parciais e provisórias sobre a realidade que nos é dada a ler.

Referências

BARROS, Manoel. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MARTINS, José de Sousa. *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: Anped, n. 5 e 6, p. 5-14, maio/ago. e set./dez. 1997. Número Especial: Juventude e Contemporaneidade.

_____. *O jogo do eu*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004.

_____. Busca de qualidade, ação social e cultura: por uma sociologia reflexiva. In: _____ (Org.). *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005a. p. 25-42.

_____. Conclusões: métodos qualitativos e pesquisa reflexiva. In: MELUCCI, Alberto (Org.). *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005a. p. 315-338.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2007.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

_____. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003a.

_____. *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Porto: Âmbar, 2006.

STECANELA, Nilda. Jovens e cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida. 2008. 396 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/Faculdade de Educação, UFRGS, 2008.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.